



Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo

São Paulo, 27.02.2020

Encontro de início do Ano Pastoral

Aos Bispos Auxiliares e Vigários Episcopais,

Aos Párocos, Administradores e Vigários Paroquiais

E todo o clero da Arquidiocese de São Paulo

Estimados Bispos, Padres e Diáconos.

Este encontro com o clero da Arquidiocese de São Paulo, no início do ano pastoral, é para mim um momento muito significativo. Temos a ocasião de nos rever e de sintonizar nosso olhar sobre a Arquidiocese, a porção da Igreja de Deus à qual pertencemos concretamente e que temos a graça de servir com nossa dedicação e nossos cuidados pastorais.

Saúdo aos queridos irmãos **Bispos Auxiliares** de São Paulo, que compartilham comigo a responsabilidade maior do pastoreio desta Igreja Particular. Agradeço muito meus irmãos, Bispos Auxiliares, pela sua dedicação e fraterna colaboração. Eles desempenham uma missão muito importante em nossa Arquidiocese. Durante o ano que passou, dois de nossos Auxiliares foram transferidos para serem bispos diocesanos; Dom Sérgio de Deus Borges, para Foz do Iguaçu, e Dom José Roberto Fortes Palau para Limeira. Que Deus os assista e abençoe em suas novas missões! E tivemos a alegria de receber dois novos bispos auxiliares, nomeados pelo Papa Francisco: Dom José Benedito Cardoso, vindo do clero de Itapetininga, e Dom Jorge Pierozan, chamado ao episcopado do meio do nosso clero arquidiocesano. Deus os abençoe, ilumine e conforte em sua missão e no privilégio de colaborar no serviço a esta querida Igreja de São Paulo.

Dirijo minha saudação também a todos os **Superiores Maiores** dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica presentes entre nós. Agradeço a sua presença e a colaboração na vida e na missão de nossa Igreja Particular, que tem grande

estima pela Vida Consagrada Religiosa e conta muito com a participação dos numerosos carismas da Vida Consagrada na evangelização e no testemunho do Evangelho nesta “Cidade imensa”.

Saúdo **todos os padres** desta Arquidiocese e dirijo uma saudação especial aos que desempenham responsabilidades especiais nesta Arquidiocese: os Vigários Episcopais, Vigários Gerais adjuntos, Procuradores da Mitra e diversos encarregados dos serviços de cúria, o Vigário Judicial, os, Diretores e servidores do Tribunal Eclesiástico, Reitores e Formadores dos Seminários, Diretores de Faculdades e outros organismos da Arquidiocese, os coordenadores e animadores arquidiocesanos e regionais de Pastoral, membros de Conselhos, organismos e grêmios de corresponsabilidade nesta imensa Arquidiocese, a todos os Párocos, Administradores e Vigários Paroquiais, bem como todos os padres de outras dioceses que se encontram entre nós, por motivos diversos, e colaboram com a vida e a missão de nossa Arquidiocese.

Saúdo **os diáconos** seminaristas e permanentes, que se colocam generosamente a serviço da Arquidiocese nas muitas missões que lhes são próprias.

Desejo saudar de maneira especial os **padres “novos” em nossa Arquidiocese**, transferidos para desempenhar aqui seus encargos pastorais. Também saúdo os padres e diáconos novos, ordenados em 2019. Alegremo-nos com todos vocês e os acolhemos na “vinha do Senhor”, onde o trabalho não falta e onde o Senhor da messe nos envia a cada instante.

E não quero esquecer os **padres e diáconos idosos e enfermos**, aos quais desejo assegurar nosso carinho e atenção fraterna. Lembro a todos que não esqueçam esses nossos irmãos, muitos dos quais deram longos anos de seu serviço generoso à nossa Arquidiocese. Procurem visitá-los com frequência e assisti-los com verdadeira fraternidade sacerdotal e diaconal.

Também desejo referir-me aos padres que assumiram, ou estão por assumir **novos encargos pastorais ou administrativos** em nossa Arquidiocese. Que Deus os abençoe e assista ao longo de todo este ano com sua graça e faça frutificar sua dedicação ao povo de Deus.

Cada **ano pastoral é um tempo de graça** e de evangelização no ritmo da Liturgia: de anúncio, celebração e testemunho dos Mistérios da Fé. Quanta coisa podemos fazer durante um ano! Melhor conseguiremos desempenhar nossa missão, se nos organizarmos e se estivermos atentos aos apelos de Deus que se fazem presentes a todo instante, no correr do ano. Temos as nossas ações “ordinárias, no serviço da caridade pastoral ligado aos nossos encargos e provisões. Temos as “surpresas de Deus” ao longo do ano, às quais precisamos corresponder com disponibilidade e alegria. E temos os projetos ou propósitos comuns a atender, em vista da comunhão e da

corresponsabilidade no serviço eclesial. Por isso, convido-os a dedicarmos juntos alguns momentos de atenção a vários aspectos deste ano pastoral, que requerem nosso esforço colegial e nossa comunhão eclesial no serviço à Igreja de São Paulo.

No dia 12 de fevereiro, o Papa Francisco fez publicar sua Exortação Apostólica sobre o sínodo da Amazônia, com o título “**Querida Amazônia**”. Embora o olhar da Igreja, nesse documento, esteja voltado para a Amazônia, o Documento interessa a vida e a missão da Igreja inteira. A nós, brasileiros, que temos a maior parte da região amazônica em nosso país, cabe-nos voltar um novo olhar para essa região, para a Igreja que lá está e luta para levar o Evangelho ao povo e testemunhar a força transformadora do Evangelho no cuidado das pessoas e das multiformes manifestações da vida da natureza. Ao longo deste ano, teremos a ocasião de conhecer e acolher melhor a proposta da Igreja através do sínodo da Amazônia e da palavra do Papa.

Neste ano, teremos dois **Congressos Eucarísticos**: em setembro, o Congresso Eucarístico Internacional em Budapest e, em novembro, o Congresso Eucarístico Nacional, em Recife. São dois momentos que recordam a centralidade da Eucaristia na vida e missão da Igreja e as lições que dela decorrem para o convívio humano. Falemos ao povo sobre o Congresso Eucarístico Nacional e, na medida do possível, incentivemos o povo a participar dele.

Ao longo deste ano, os bispos do Brasil farão a **visita “*ad limina apostolorum*” (“visita para junto dos apóstolos), seguindo uma tradição que vem dos tempos** apostólicos: Paulo foi encontrar Pedro em Jerusalém, relatar sobre suas missões e conferir, se sua pregação estava em sintonia com a de Pedro e dos demais apóstolos. Esse é ainda hoje o significado dessa visita: visitar o Papa, relatar a ele como está a diocese e ouvir dele e de seus colaboradores mais diretos as oportunas palavras de incentivo e orientação. Essa visita, portanto, é feita no espírito de comunhão e colegialidade: o cuidado da Igreja está confiado ao Papa e aos Bispos em comunhão com ele. Os Bispos de São Paulo irão em setembro. Os Bispos das províncias eclesiásticas de São Paulo, Aparecida e Sorocaba terão a visita de 10 a 17 de setembro.

Este também é um ano eleitoral importante, pois renovam-se as bases da vida política do país, que estão nos municípios. As orientações sobre o nosso envolvimento na vida política do país já são conhecidas. O clero não deve concorrer a cargos eletivos nem envolver os atos religiosos em manifestações políticas e em política partidária; nem usar o púlpito e as celebrações para fazer campanha eleitoral. Os clérigos devem cuidar da comunidade inteira, onde podem existir diversas opções partidárias legítimas. Se o padre toma partido, ele divide a comunidade e fica apenas com uma parte dela (partido), tendo a oposição dos outros. A ação partidária do clero divide a comunidade e desautoriza o padre para representar e fomentar a comunhão eclesial. Porém, isso não é

tudo. O padre é também formador do povo. Cabe-nos ajudar os leigos a fazerem suas escolhas livres e conscientes. Por outro lado, cabe-nos preparar lideranças comunitárias, para que também possam assumir lideranças políticas. O Papa Francisco tem se dirigido com insistência aos leigos e leigas católicos para que assumam seu papel nas responsabilidades sociais e públicas. E nisso devemos atuar, para que os leigos assumam seu papel na vida comum.

Não vivemos uma **situação política** tranquila no Brasil. Desde 2013, houve uma radicalização ideológica crescente, que chegou aos limites do ódio e da intolerância e divide comunidades e famílias e não poupar o clero e nem o próprio Papa. Nesse contexto, devemos manter a serenidade de espírito e a objetividade. Não é nossa missão exasperar as posições, mas facilitar o diálogo construtivo e respeitoso na legítima diversidade de opiniões e posições partidárias. Lembremos sempre que os partidos passam mas a Igreja permanece. Se ela for identificada com um partido, ela também se acaba com esse partido...

Na Arquidiocese de São Paulo, em 2019, foram **transferidos dois bispos auxiliares**: Dom Sergio de Deus Borges, para Foz do Iguaçu, e Dom José Roberto Fortes Palau, para Limeira. E recebemos **2 bispos novos** em 2019: Dom José Benedito Cardoso e Dom Jorge Pierozan. O Papa Francisco tem atendido com solicitude nossos pedidos para a nomeação de Bispos Auxiliares e somos gratos a ele. Temos agora a falta de mais um Auxiliar e esperamos que ele seja nomeado ao longo deste ano.

Nos **Seminários** temos vocacionados para o sacerdócio, mas precisamos ampliar e aprofundar a pastoral das vocações. Estamos conscientes das dificuldades dos tempos atuais para o despertar das vocações, mas não podemos desanimar. Devemos continuar a fazer o que Jesus mandou: “a messe é grande e os operários são poucos. Pedi ao senhor da messe que envie operários para a sua messe”. Lembro que os padres são os principais promotores vocacionais em suas paróquias. Em toda a nossa Arquidiocese, precisamos trabalhar com fé e esperança pelas vocações: “em cada comunidade, ao menos uma vocação”.

A **PUC de São Paulo**, que está na responsabilidade da Arquidiocese, nos cobra constantes atenções e esforços. Ela é um espaço da Igreja no campo da educação para formar pessoas que possam participar com qualidade na vida da sociedade. Também a PUC está a serviço da evangelização e, se isso nem sempre acontece, precisamos trabalhar nesse sentido. No momento, vivemos um período bastante sereno e colaborativo. Ao longo do ano passado foi feita a revisão dos Estatutos da PUC-SP e da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, para adequar esses Estatutos às novas orientações da Santa Sé para a “educação católica” através da Constituição “*Veritatis Gaudium*”, do Papa Francisco. A Faculdade de Teologia segue sendo uma Faculdade Eclesiástica, ao mesmo tempo que está inserida na PUC e tem o

reconhecimento civil pelo MEC. Ambos os Estatutos já obtiveram a aprovação da Santa Sé. Também foi feita a revisão do Estatuto e do Plano de Estudos da Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo e também este já recebeu a aprovação da Santa Sé.

O **Tribunal Eclesiástico Interdiocesano** de São Paulo serve a nossa Arquidiocese e as dioceses de Guarulhos, São Miguel Paulista e Campo Limpo, embora esteja sob a nossa responsabilidade direta. O Tribunal está desempenhando bem suas atribuições, com um grande volume de trabalhos. Da mesma forma, os **serviços de Cúria, Chancelaria, Secretariado Geral, Economato e Procuradoria da Mitra arquidiocesana**. São muitos os serviços de nossa Arquidiocese, que é muito grande e requer um atento acompanhamento. O Secretariado de Pastoral acompanha um grande número de iniciativas pastorais arquidiocesanas e as Regiões Episcopais e Vicariatos acompanham outras numerosas iniciativas regionais e nos Vicariatos ambientais.

Alertamos para a necessidade de adequar nossos serviços de administração às exigências dos controles públicos. As contas devem estar em ordem e ser transparentes, senão, perdemos a nossa credibilidade moral para falar em honestidade, justiça e contra a corrupção na esfera civil e pública. Recomendo muito que todos procurem se adequar o quanto antes ao sistema de prestação de contas e controle *Orgsystem*, que já está em vigor para toda a Arquidiocese há um ano. Recordo o dever de entregar regularmente os balancetes mensais junto com os extratos bancários e as notas das despesas, e também as coletas extraordinárias, conforme orientação própria para cada uma dessas coletas. Tivemos recentemente a renovação do contrato da Arquidiocese com o Seguro Saúde Sul-América. Embora ainda seja caro, o preço atual é bem menor do que aquele já pago anteriormente. O Seguro contratado é bom e a nossa contribuição é solidária e todos têm o mesmo benefício. Os mais jovens e sadios pagam o mesmo valor dos mais idosos e menos saudáveis, para que assim esses últimos também tenham o acesso a uma boa assistência à sua saúde.

A **Campanha da Fraternidade de 2020** (CF), com o tema “*fraternidade e vida*” – *dom e compromisso*”, e com o lema “*viu, sentiu compaixão e cuidou dele*” chama nossa atenção mais uma vez para o tema da vida, já tratado em diversas Campanhas passadas. Desta vez, porém, o enfoque é próprio: cuidar bem da vida humana e da vida da natureza e do Planeta, nossa “casa comum”. Parte do tema é o cuidado da “vida nascente” e sua dignidade e defesa contra o aborto, bem como a vida no seu ocaso, na doença e na velhice, quando ela é, tantas vezes, desprezada e descuidada. A eutanásia está sempre mais presente na discussão pública e precisamos ter clareza sobre a posição da Igreja em relação a ela. Mas há também a questão da vida vilipendiada e ferida com tantas formas de violência, injustiças e desumanidades, em qualquer momento da vida humana. A vida e a morte acabam sendo banalizadas e podemos nos tornar indiferentes diante dos dramas vividos pelas pessoas nas suas situações particulares. Isso também se

refere à vida dos pobres, drogados, excluídos e esquecidos da sociedade, considerados um peso e até um atrapalho para certos projetos egoístas e concentradores do bem social. A CF nos recorda que a vida humana e a dignidade da pessoa não podem ser tratadas de maneira calculista e burocrática, em função de cálculos e vantagens econômicas ou barganhas políticas de qualquer tipo. A vida humana é inviolável e deve ser sempre tratada com respeito e justiça. Não podemos estar de acordo com nenhuma forma de agressão à vida humana e à dignidade da pessoa.

A Campanha da Fraternidade coloca-nos novamente diante do cuidado da natureza, nossa “casa comum”, que também deve ser valorizada e tratada com respeito e senso ético. O Papa Francisco nô-lo recordou, de maneira incisiva, com a encíclica “*Laudato si – sobre o cuidado da casa comum*”. Também a assembleia especial, para a Amazônia, do Sínodo dos Bispos, e a recente Exortação Apostólica “**Querida Amazônia**” trataram desse tema novamente. Mas é claro, isso não se refere apenas à Amazônia e às reservas florestais do mundo: cada lugar e cada espaço deste Planeta à “casa comum” a ser cuidada bem e com sabedoria, para que ela possa ser acolhedora e sustentadora de nós e de muitas gerações no futuro. Cuidar bem da natureza e do ambiente da vida é questão de fé, justiça e de fraternidade.

Como podemos trabalhar o tema da CF em nossas comunidades? O Texto Base da CF sugere numerosas iniciativas acessíveis. Outras, podem e devem ser suscitadas localmente, de acordo com as necessidades de defesa e cuidado da vida na comunidade e no ambiente em que estamos inseridos e atuamos. Faço votos e peço que todos procurem iniciar logo as ações sugeridas pela CF, envolvendo diversos públicos, como as crianças e jovens, os diversos grupos profissionais, as mães e pais de família, os educadores e comunicadores, as diversas organizações da sociedade civil, os legisladores, administradores locais e governantes. A CF é feita durante a Quaresma e esse tempo passa rápido. Por isso, iniciemos logo.

Estamos no 3º ano do nosso sínodo, marcado pela assembleia sinodal arquidiocesana e pela elaboração das propostas ou propósitos sinodais. Serão sete sessões da Assembleia, ao longo do ano, conforme calendário já divulgado. A abertura dos trabalhos será feita no próximo dia 29 de fevereiro, às 15h00, na Catedral Metropolitana, com a invocação do Espírito Santo e a entrega de nossos trabalhos à intercessão de Nossa Senhora, de São Paulo, nosso Padroeiro e dos Santos Padroeiros das Comunidades de toda a nossa Arquidiocese. Todos os membros da assembleia sinodal estão convocados a participar dessa celebração de abertura, mas também todo o clero da Arquidiocese. Peço também que cada Pároco leve os membros Conselho Pastoral Paroquial para a celebração de abertura na Catedral. Será uma expressão de comunhão eclesial e de verdadeira sinodalidade. Não será Missa, mas uma celebração da Palavra.

Na verdade, este já é o 4º ano do nosso caminho sinodal. Em 2017, tivemos os momentos preliminares, a convocação e a preparação do início dos trabalhos sinodais. Em 2018, o sínodo promoveu, em todas as paróquias da Arquidiocese, uma ampla ação para “ver e ouvir” e para conhecer melhor a realidade religiosa e pastoral de nossa Arquidiocese. Em 2019, as Regiões Episcopais e Vicariatos Episcopais territoriais e Ambientais ampliaram e aprofundaram esse “ver e ouvir” e, ao mesmo tempo, fizeram um primeiro discernimento sobre a situação eclesial e pastoral da Arquidiocese, a partir das Regiões e Vicariatos.

Neste ano, temos pela frente a **assembleia arquidiocesana do sínodo**. O Regulamento da assembleia, elaborado e aprovado pela Comissão de Coordenação arquidiocesana do sínodo, foi publicado em outubro de 2019 e oferece as diretrizes e o método a serem seguidos. Além da abertura, a assembleia será feita em sete sessões ao longo do ano, com a participação de cerca de 350 membros convocados, representando as mais diversas expressões e organizações da vida eclesial e pastoral de nossa Arquidiocese: clero, leigos, religiosos e organismos pastorais arquidiocesanos. A relação dos membros da assembleia sinodal de 2020 foi divulgada pelo Jornal O SÃO PAULO (ed. nº 3.279, 18.12.2019).

A assembleia arquidiocesana do sínodo deverá acolher o resultado dos trabalhos preparatórios realizados nos três anos precedentes, valorizando as contribuições das comunidades, paróquias, Regiões e Vicariatos Episcopais, e das organizações eclesiais e pastorais presentes em nossa imensa Arquidiocese. A assembleia também deverá acolher o resultado da vasta pesquisa de campo e do levantamento paroquial, feitos em 2018. Os dados que emergiram desse esforço de “ver e ouvir” são muito importantes e devem ser, agora, objeto de nova reflexão e discernimento. Os propósitos sinodais devem levar em consideração os dados dessa pesquisa e do levantamento paroquial.

Aqui eu gostaria de fazer algumas considerações sobre os dados da **pesquisa de campo e sobre o levantamento paroquial**, feitos em 2018, pois esses dados mostram uma realidade eclesial, religiosa e pastoral que precisamos ter em conta agora, quando se trata de elaborar os propósitos do sínodo. Penso que devemos ser realistas e encarar essa realidade sem medo e sem subterfúgios, sem desqualificar esses dados da realidade, que revelam situações e nos interpelam quanto à nossa missão e responsabilidade na Igreja.

1. Penso que os dados levantados falam de uma **Igreja que continua viva e presente** na cidade de São Paulo. Provavelmente, mais viva e dinâmica nas periferias que no centro. Não devemos alimentar pessimismos nem resignações derrotistas diante de constantes insinuações que nos são passadas de que a Igreja Católica está “perdendo fiéis”, perdendo importância e relevância na comunidade urbana e na sociedade. Devemos estar conscientes das crises e dificuldades enfrentadas, mas sem derrotismos. Não é a primeira vez na história que a Igreja é chamada a se renovar e a recobrar seu dinamismo. E isso sempre aconteceu através de provações e chamados à conversão a Cristo e ao genuíno caminho do Evangelho. A renovação da Igreja nunca aconteceu através da “conformação com o mundo”, mas através da renovada fidelidade ao Espírito

de Cristo e à missão. A Igreja deve entrar no mundo, mas o espírito do mundo não deve entrar na Igreja.

2. A renovação da Igreja, em outras épocas, sempre se deu através de um **renovado impulso missionário** na Igreja. Missões populares, missões *ad gentes*, catequese e pregação genuína ao povo, reforma da formação e da vida do clero, reforma da Vida Consagrada, centralidade da Eucaristia na vida das comunidades, prática das obras de misericórdia e caridade para com os pobres e doentes. A Igreja também contou, no processo de sua renovação em outras épocas, com a participação dos fieis leigos: na vivência cristã em família e no processo da transmissão da fé. Essa missão não pode ficar concentrada na mão do clero e de alguns especialistas. A Igreja inteira é um povo missionário e, com frequência, damos a entender que o clero carrega sozinho a responsabilidade pela vida e a missão da Igreja. Os clérigos são animadores de uma comunidade missionária, capacitada pelos múltiplos dons do Espírito Santo para participar da missão da Igreja. Falta-nos, talvez, interpelar mais o povo, chamá-lo e formá-lo para a sua missão “ordinária” na Igreja e na sociedade.

3. Na Igreja, a **comunhão e a unidade** são essenciais, porque assim quis Jesus Cristo. Sem a genuína comunhão eclesial, a Igreja desperdiça suas energias em lutas internas, movidas na maioria das vezes por vaidades pessoais, soberba e ambições humanas, em uma palavra, movida pelo “espírito mundano” (Papa Francisco). A unidade mística e espiritual em torno de Jesus Cristo, cabeça e senhor da Igreja, deve acontecer também de forma visível, em torno dos legítimos organismos e pessoas encarregadas de assegurar a unidade e a comunhão da Igreja. Sem comunhão verdadeira, nossa Igreja pode se tornar um agregado de seitas, que já não estarão mais animadas pelo mesmo Espírito de Cristo. E isso seria o fim da Igreja Católica. São preocupantes as críticas ao Papa e as pretensões de “magistério paralelo” vindas de dentro da própria Igreja Católica. Ouvir o Papa, respeitar e obedecer às suas diretrizes não é questão de simpatia ou de palpite: para nós, é questão de fé.

4. Olhando para os dados da pesquisa e do levantamento paroquial de nossa Arquidiocese, algumas questões chamam a atenção:

- A **baixa participação regular dos católicos na Missa** dominical (menos de 6%). Se somarmos a essa cifra os que participam ocasionalmente da Missa (cerca de 25%), teremos cerca de 30% dos católicos que, menos que mais, frequentam a Igreja. E cerca de 70% dos católicos não frequentam a Igreja nunca, ou quase nunca. Ora, isso preocupa, pois quem não vai à Igreja vive distante dela, não acompanha sua vida e tende a se desligar dela completamente. A preocupação cresce ainda mais, se levarmos em conta um outro dado da pesquisa: a imensa maioria dos católicos respondeu que recebe a formação na sua fé, sobretudo, na Missa dominical. Isso é um fruto bom da participação regular da Missa e da vida da comunidade. Mas os que não participam, ou participam muito pouco, como podem receber o alimento da fé? O que fazer diante desse quadro, para estimular os católicos a frequentarem mais a Igreja?

5. A pesquisa também revelou que a imensa maioria dos católicos possui uma **noção apenas muito superficial da própria fé e da prática da vida cristã**. O oração pessoal

e em família é muito escassa. A prática das virtudes cristãs ficou muito diluída e até mesmo a consciência moral em torno de questões importantes, como o respeito à vida, a prática do aborto, o senso de justiça e honestidade ficaram vagos e relativizados. Quantos sabem ainda recitar o Creio em Deus Pai, ou os Dez Mandamentos por inteiro? Para que a fé e a vida cristã não acabem ficando coisas vagas e genéricas, precisamos trabalhar muito para a evangelização básica e a sua formação doutrinal mínima.

6 A pesquisa e o levantamento paroquial revelaram uma preocupante **queda na frequência aos Sacramentos** do Batismo, da Confissão, do Matrimônio. Impressiona o número pequeno de crianças e adolescentes na catequese de primeira comunhão e crisma. Como explicar isso? Mais que tudo, como enfrentar isso, sem ficar simplesmente perplexos e passivos diante dessa realidade? Os Sacramentos são os sinais da graça de Deus e da ação do Espírito Santo mediante a ação da Igreja e sua procura corresponde ao sentido da fé, que as pessoas dão à própria vida. Talvez a frequente contraposição que se fez entre “evangelização” e “sacramentalização” não foi saudável e passou a impressão de que os Sacramentos não são importantes e até dispensáveis e que devemos dar todo o peso à evangelização, como se evangelização e Sacramentos não fossem partes da mesma missão da Igreja. Oxalá nossa pregação fosse sempre boa e animada por genuíno espírito do Evangelho! Não se pode diminuir a importância dos Sacramentos, que são sinais mediadores da ação de Deus através da ação da Igreja. Uma Igreja sem os Sacramentos desprezaria a pedagogia da encarnação, não seria mais a Igreja Católica e poderia passar a impressão de que nós mesmos, por nossas humanas capacidades, damos a eficácia à pregação e à ação da Igreja. E, nesse caso, também deixaríamos de ser a Igreja Católica de Cristo e nos transformaríamos numa ONG, no dizer do Papa Francisco.

7. Os dados da pesquisa e do levantamento paroquial também revelaram que **a maioria dos católicos não se identifica com a Igreja** e não se afeiçoa a ela. Olham a Igreja de longe, como se não fossem parte dela, ou se ela fosse uma realidade que pertence a alguém outro. É uma percepção individualista da fé e da vida cristã. Falta maior senso de identificação e de pertença à Igreja, à própria comunidade. Até mesmo para muitos católicos praticantes, a Igreja é vista na ótica do “mercado”, detentora de bens desejáveis e bons, que se buscam quando se tem necessidade ou desejo deles, mas sem se envolver com ela. É como ir à farmácia, à loja, ao consultório, onde se busca um bem, sem se vincular à farmácia, à loja e ao consultório. Temos urgente necessidade de desenvolver o senso comunitário entre os nossos fiéis. Nossa Igreja não é uma instituição do “mercado religioso”, mas a comunidade dos discípulos de Cristo, unidos a ele e entre si por laços sobrenaturais profundos. Ela é o corpo de Cristo, onde cada membro desempenha sua missão para o proveito de todos. Precisamos revalorizar tudo o que possa ajudar os fiéis a recuperar esse senso de pertença à Igreja inteira e à própria comunidade local e de identificação com ela. Isso deve fazer parte do processo de iniciação à vida cristã de crianças, jovens e adultos e precisa ser alimentado continuamente através da pedagogia pastoral.

8. Os dados da pesquisa e do levantamento também mostram **necessidades, lacunas e pistas para a ação**. Cada conjunto de dados levantados precisa ser interpretado e

discernido com a luz da fé e a sabedoria pastoral, para descobrirmos os apelos de Deus a nós e os caminhos indicados pelo Espírito Santo para a missão em nossa Igreja de São Paulo.

9. Penso que **tudo isso interpela profundamente a nós**, membros do clero e constituídos ministros da Igreja, a serviço do povo de Deus para:

a. Tomarmos nova consciência de nossa identidade sacerdotal e da missão que nos foi dada pela Igreja. Precisamos centrar nossa atenção e dedicação em nossa missão específica. Lembremos que a missão dada a nós não será exercida por ninguém outro, se nós mesmos não a assumimos.

b. Renovar-nos no espírito sacerdotal, como S. Paulo recomendou a Timóteo: “não descuides o dom que está em ti ... e que te foi dado pela imposição das mãos” (cf 1Tm 4,14). Renovar-se também na valorização da própria vida sacerdotal, para não cair no ativismo estéril, no desânimo e no azedume paralisante, ou na procura de compensações para a falta de alegria sacerdotal, como a bebida, a droga, o dinheiro, os prazeres desordenados, ao ostentação de vaidades personalistas.

c. Não desprezar nem descuidar o básico do básico em nossa missão. Por vezes, tenho a impressão de que dedicamos muito tempo e energias a questões que estão fora do foco de nossa missão primeira. E aí pergunto: quanto do nosso tempo e energias dedicamos ao povo para acolher, ouvir, visitar, confortar, alegrar? Temos missa todos os dias em nossas paróquias? Os horários estão adequados para que o povo possa dela participar? Rezamos pessoalmente e com o povo, também fora da Missa? Atendemos as confissões regularmente, com horários conhecidos do povo? Visitamos e cuidamos dos doentes? Consolamos e confortamos os enlutados de nossa paróquia? Nos interessamos pelas famílias? Qual é a atenção que damos aos pobres? Acompanhamos pessoalmente a catequese? Preparamos os noivos para o casamento com interesse e dedicação? Preparamos bem as homilias? Temos outras iniciativas de formação cristã, além da Missa e da preparação aos Sacramentos? Dedicamos o nosso tempo à nossa missão principal, ou apenas uma sobrinha do nosso tempo? É legítimo e justo que tenhamos nosso dia de repouso semanal, mas são injustificadas as frequentes e prolongadas ausências das paróquias, deixando-as órfãs e abandonadas. Nosso tempo é para Deus e para o povo que servimos, por vocação e consagração sacerdotal. O Papa Francisco nos recordou e pediu tudo isso na Exortação *Evangelii Gaudium*...

Que devemos fazer, portanto? Esta é a pergunta que nos cabe responder neste 4º ano do caminho sinodal. O propósito do sínodo aparece no tema e no lema do sínodo: fazer um “caminho de comunhão, conversão e renovação missionária” em toda a Arquidiocese, para sermos testemunhas de Deus nesta Cidade. Os tempos e as circunstâncias requerem de nós que o façamos. Os apelos da Palavra de Deus e da Igreja vão nessa linha, sobretudo se considerarmos as mudanças culturais e religiosas do nosso tempo, confirmadas pelos dados da pesquisa e do levantamento promovidos pelo sínodo. Confiamos na generosa boa vontade de todos e na ação do Espírito Santo, animador e guia da vida eclesial. Ele, que “renova a face da terra”, nos ajudará a renovar a vida de nossa Arquidiocese.

A **missão da assembleia arquidiocesana** é elaborar diretrizes e propostas consistentes do sínodo para ajudar a Arquidiocese a fazer o processo de “comunhão, conversão e renovação missionária” após a conclusão do sínodo e para nos orientar no “testemunho de Deus na Cidade”. A assembleia deverá apontar processos, caminhos e iniciativas a serem postos em ação na fase pós-sinodal. O Instrumento de Trabalho, já elaborado, orientará os passos metodológicos das sete sessões da assembleia sinodal arquidiocesana, cada uma com seu objetivo e método específicos. A Palavra de Deus acompanhará e orientará todo o caminho sinodal deste ano.

Também as paróquias e os 56 Setores da Arquidiocese serão novamente convocados a participar da elaboração de propostas de ação. Conforme já está disposto no Regulamento (2020), de meados de maio a meados de junho, os Párocos deverão reunir os Conselhos Pastorais Paroquiais para a elaboração de propostas, conforme orientações que serão fornecidas oportunamente. E os Setores farão o mesmo entre meados de junho e meados de julho, encaminhando, a seguir, as suas propostas para a assembleia sinodal.

E todo o povo da Arquidiocese está sendo convidado a **intensificar sua oração** pelo bom andamento e o bom êxito do nosso primeiro sínodo arquidiocesano. Agradeço a todos os membros da assembleia sinodal arquidiocesana pela disposição em participar deste momento importante e bonito de nossa Arquidiocese. Agradeço muito especialmente aos membros da Comissão Coordenação Geral e da Secretaria Geral do Sínodo, que desempenham um papel relevante em todo o processo, desde a convocação do sínodo. Neste ano, também contamos com a valiosa colaboração da Comissão de Redação e do Grupo de Peritos do sínodo, aos quais agradeço pela importante contribuição para a assembleia sinodal arquidiocesana.

Recomendo a todas as paróquias que valorizem nossos subsídios e instrumentos de apoio à evangelização: Jornal O SÃO PAULO, Rádio 9 de Julho, Folheto Litúrgico POVO DE DEUS EM SÃO PAULO e a Novena de Natal.

Por fim, desejo abordar **um tema delicado e até constrangedor, mas inevitável: a questão dos abusos sexuais** de menores e de pessoas vulneráveis por clérigos e religiosos e do abuso de autoridade de clérigos e religiosos para cometer delitos sexuais. Esse problema está sendo enfrentado pela Igreja há vários anos e já causou muita dor, polêmica, escândalo e prejuízo moral e econômico à Igreja no mundo e no Brasil também. A esse respeito, o Papa Francisco emitiu uma nova legislação com o *Motu Proprio Vos estis lux mundi* (07.05.2019). Nesse Decreto, o Papa estabelece que em todas as dioceses do mundo, bem como nos Mosteiros e nos Institutos de Vida Consagrada e nas Sociedade de Vida Apostólica seja criada uma espécie de “ouvidoria”, para receber queixas e denúncias contra abusos sexuais de clérigos e religiosos. O Papa Francisco pede com veemência para que sejam prevenidos e superados os tristes episódios de abusos sexuais por conta de clérigos, que mancham a credibilidade da Igreja e causam sofrimentos indelévels em pessoas, muitas vezes, indefesas e jovens.

Assim, estamos instituindo a **COMISSÃO ARQUIDIOCESANA PARA A APLICAÇÃO DO MOTU PROPRIO DO PAPA**, para a tutela dos menores e das pessoas em situação de vulnerabilidade e contra o abuso de autoridade para cometer abusos sexuais.

O Papa Francisco, através da **Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio*, “*Vos Estis Lux Mundi*” (VELM)**, de 7 de maio de 2019, determinou regras que estabelecem novos mecanismos para a tutela dos menores e das pessoas em situação de vulnerabilidade, contra delitos sexuais de clérigos e de membros de Institutos de Vida Consagrada e de Sociedades de Vida Apostólica, bem como contra o abuso de autoridade dos mesmos sujeitos para cometer delitos contra o sexto mandamento da Lei de Deus.

O objetivo desses novos mecanismos é facilitar às pessoas que, cientes de delitos contra o sexto mandamento do Decálogo, queiram informar às Autoridades da Igreja, assegurar que as informações recebidas sejam convenientemente averiguadas e que sejam tomadas medidas necessárias, nos tempos previstos pelo VELM (cf art 14 §1º), evitando o silêncio e/ou a ocultação desses crimes. Nas palavras do Papa Francisco - “*crimes de abuso sexual ofendem Nosso Senhor, causam danos físicos, psicológicos e espirituais às vítimas e prejudicam a comunidade dos fiéis*” e que “*é necessária uma conversão contínua e profunda dos corações, acompanhada de ações concretas e eficazes que envolvam todos na Igreja*”, para prevenir que esses casos, em todas as suas formas, não mais ocorram (cf. Introdução do VELM).

Por isso, estabeleceu que, no prazo de um ano após a entrada em vigor do *Motu Proprio* VELM, isto é, no máximo até junho deste ano, devem ser criados em todas as dioceses sistemas estáveis e facilmente acessíveis ao público, para que qualquer pessoa possa relatar eventuais delitos previstos pelo VELM (cf. art. 1º § 1º).

Portanto, também na Arquidiocese de São Paulo, em comunhão com a Cátedra de São Pedro e o Colégio Episcopal, instituímos a **Comissão para a aplicação do *Motu Proprio Vos Estis Lux Mundi***, para a tutela dos Menores, das Pessoas em Situação de Vulnerabilidade e sobre o Abuso de Autoridade na prática de delitos contra o 6º mandamento do Decálogo (cf VELM Art. 1º §2º).

Esta Comissão tem a competência de zelar para que todas as instituições e organizações católicas presentes e/ou atuantes no âmbito desta Arquidiocese sejam lugares seguros e livres de abusos sexuais. O número de membros da Comissão e suas qualificações profissionais são especificados no Regulamento da Comissão. A Comissão terá um

Coordenador e um mínimo de 8 membros, entre os quais, padres, diáconos leigos e religiosos.

Agradeço a todos pela sua participação e sua dedicação a Deus e ao seu povo no serviço da Igreja. Que Ele lhes dê saúde e alegria e as luzes do seu Espírito para o serviço à sua messe e os recompense abundantemente, como prometeu.

Cardeal Odilo P. Scherer

Arcebispo de São Paulo